MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - 48 - 2º andar

1999 **nº 195**

NOTAS PARA A HISTÓRIA DA PEDREIRA, O CAMINHO DO MAR

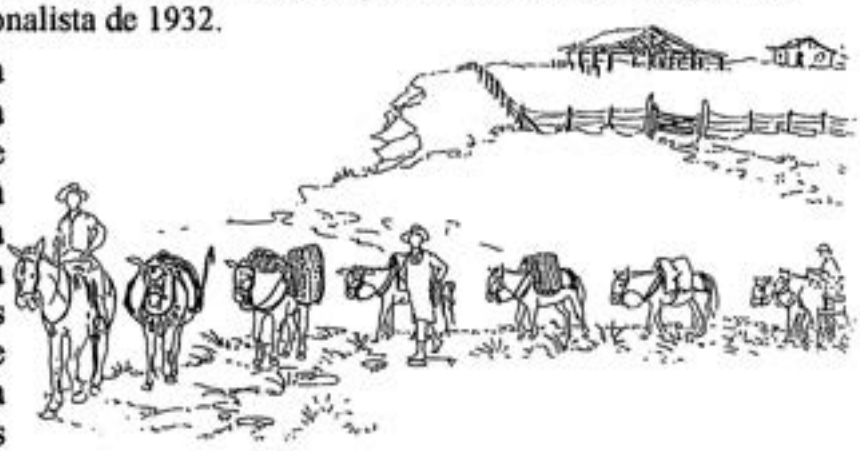
"Sítio encantado da minha infância"
Brito Broca, em "Memórias"

O bairro da Pedreira é um dos mais antigos da cidade. Sua formação, história e localização estão ligadas aos primeiros tempos da Vila de Guaratinguetá e às centenas de tropas e tropeiros que pela Vila transitavam diariamente, graças a sua posição geográfica privilegiada, entre as Minas Gerais, o Vale do Paraíba e o porto de Paraty.

Atualmente, o bairro tem por limites o ribeirão São Gonçalo, à esquerda de quem segue para Cunha. À direita, ficam o Alto de São João e o Alto das Almas. O bairro segue pela rua de Baixo (Anísio Novaes) e pelo novo traçado da Rodovia Paulo Virgínio, junto a qual se localiza o loteamento conhecido popularmente por Serra Pelada. Nos mapas oficiais o bairro começa a partir da rua São José mas, para os moradores locais, ele se inicia a partir da praça Homero Ottoni, pela rua Cel. Tamarindo, o antigo Caminho do mar.

O Caminho do Mar: Dentre as principais vias de comunicação da Vila de Guaratinguetá, certamente a mais trilhada foi o Caminho do Mar - antiga trilha de índios que levava ao porto de Paraty. Através de difícil trânsito pela serra do Quebra Cangalha, chegava à Freguesia do Facão, hoje Cunha, e daí pelos "caminhos aspérrimos" da Serra do Mar até Paraty. Mantimentos, ouro, açúcar, aguardente, café, carne de porco e cereais passaram por Guaratinguetá, vindos de Minas Gerais e do Vale do Paraíba, em direção a Paraty. De lá, chegavam sal, ferramentas, tecidos, vinhos, azeite, objetos de adorno para casa, pianos, vidros, querozene, lampeões, etc - importados da Europa - conforme registram documentos dos séculos passados. Os responsáveis por todo esse comércio eram os tropeiros, com suas tropas de muares - principal meio de transporte na época. O Caminho do Mar é a atual Rodovia Paulo Virgínio, denominação que recebeu em homenagem ao herói cunhense da Revolução Constitucionalista de 1932.

O nome Pedreira: Nasceu da "Cachoeira", uma pedreira localizada a 1 km do bairro, à direita de quem segue para Cunha. Pertencendo desde 1820 à Capela de Aparecida, foi esta pedreira ativada em 1844 para guarnecer fachada e torres da Capela, lápides para os cemitérios de São Miguel das Almas e Nosso Senhor dos Passos e para a Santa Casa de Guaratinguetá, além de peças



para a construção de casas e calçadas. A atividade da pedreira, no século dezenove, levou a Câmara Municipal a substituir, em 1850, a denominação do Caminho do Mar para "rua da Pedreira". Em 1897, os vereadores da época, sensibilizados com a morte do Coronel Tamarindo, na Guerra de Canudos, no sertão da Bahia, resolveram homenageá-lo, passando a rua da Pedreira a denominar-se "Coronel Tamarindo", embora o povo ainda hoje continue a conhecê-la por rua da Pedreira. A partir de 1950, entretanto, diminuiria a produção e o fluxo d'água da Cachoeira, devido à retirada de suas pedras, que eram britadas para a pavimentação da Rodovia Presidente Dutra.

Rancho de Tropas: Entreposto comercial situado na rua Cel. Tamarindo, de grande importância na região. Teve como proprietário o Sr. Antônio Francisco de Castro (Antônio do Retiro). No Rancho era comercializada toda a produção agrícola de Cunha, Lagoinha, São Luiz do Paraitinga, Paraty e de bairros locais como Rocinha, Rio do Peixe, Paiol, Três Barras, Cachoeirinha, Martins, etc. O movimento aumentava de quarta a sexta-feira, quando chegavam as tropas de fora, e os compradores da cidade e municípios vizinhos para lá se dirigiam, interessados em adquirir: feijão, milho, cebola, alho, batata, frangos, patos, perus, leitoas, capados, "mantas de porco salgadas", cabritos, garrotes e animais de carga, leite, queijo, manteiga, requeijão, ovos "na palha", além de ovas de tainha, camarão seco, peixe salgado e a famosa aguardente "azulina" de Paraty. Havia também frutas "da época" como marmelo, pêssego, ameixa, pera, jaboticaba e pinhão. Os tropeiros vendiam suas mercadorias e, em seguida, faziam as suas compras nos armazéns da Pedreira: açúcar, sal, querozene, roupas, tecidos, louças, quitandas, ferramentas agrícolas, artigos de selaria, etc.

Para a manutenção do arreiamento dos animais, o Rancho contava com: seleiros, trançadores e com uma tenda de ferreiro, que fabricava ferraduras sob medida.

Quando os tropeiros partiam, o Rancho, vazio, aos domingos, era usado pelos moradores locais para o lazer, com jogos de baralho, como o vinte e um, o truco, o careta. A principal atração, entretanto, era o Jogo da Malha. O Rancho da Pedreira funcionou até meados do século vinte.

O Comércio: O movimento de vendedores e compradores, na Pedreira, era muito forte no início do século vinte. O "Anuário Guaratinguetaense da Gazeta do Povo, para 1904" registra ali "89 prédios, com os seguintes negociantes de secos e molhados: Francisco Pisapia, José de Oliveira, João Leite da Silva Camargo, José Romano dos Santos, Antônio Martins, Glória e Cesar Contruci, duas oficinas de ferreiro de João Ricciuli e Laurentina Maria da Conceição. Também a loja de armarinho "Flor do Dia", do Sr. Augusto Lucchesi (chegado com sua esposa da Itália em 1892), nos baixos da sua residência. Este sobrado, um dos únicos do século passado ainda existentes no bairro, foi doado após sua morte em 1970, a um dos asilos da cidade..."

Pelos depoimentos do fazendeiro Getúlio Fortes Antunes, residente em Lavrinhas, e do empresário Giovanni Ferrucio Lucchesi (Janão) - meninos da Pedreira entre os anos de 1920 a 1930, a população do bairro era formada por fazendeiros e comerciantes, como se pode observar pelas informações: seguindo da esquina com a praça Homero Ottoni, à esquerda residiam: Benedito de Paula Santos (fazendeiro), em chalé assobradado; *José Gomes da Silva (Zé Inês - fazendeiro), em chalé com estátuas em porcelana sobre o portão; *Benedito Máximo (fazendeiro); *Angelo M. de Castro (fazendeiro); *Joaquim Bibiano de Almeida (fazendeiro); *Em seguida, a chácara do Marcondinho (Benedito Marcondes); *Isaías e José Monteiro (comerciantes); *Antônio Francisco de Castro (Antônio do Retiro, proprietário do Rancho); *Ao lado do Rancho, alcançando o ribeirão São Gonçalo, na atual Rua Cunha, o portão da chácara do Sr. Benedito dos Reis - célebre

pela sanfona com que animava as festas juninas; *O campo de futebol; *O moinho de Nhô Doro, que mereceu uma página das Memórias de Brito Broca.

No lado direito da rua Cel. Tamarindo: *O sobradinho do João Carioca (fazendeiro); *O do Sr. Manoel Gama (fazendeiro); *A Barbearia do Ladi; *A casa de esquina de Noemi Fortes Antunes (ainda existente); *A casa do Prof. Francinha; *A de Ângelo Lucchesi (chegado da Itália em 1920, iniciou na Pedreira uma fabriqueta de bonecas, origem da atual Indústria de Imagens Lucchesi); *A casa de Francisco de Paula Santos (Chico Fiscal); *O armazém de José Benedito Maia Braga; *A Loja do Bração (Egídio Nogueira da Silva); *O armazém do Sr. Liboni; *A loja de armarinhos Flor do Dia, de Augusto Lucchesi; *O armazém do Benedito Salles; *A loja de Rosa e David Grillo; *O armazém do Benedito Amaral; *O armazém do Eduardo Miranda; *A loja do Pedro Ourives; *As residências de Alfredo Ferraz e Cel. Antônio Jacintho Guimarães; *A "venda" do Terra Boa (José de Oliveira Osório); *A casa do Juca do Gado; *A casa do secreta Marcionílio...

Na década de 1970, a construção de um supermercado, na esquina da rua Cel. Tamarindo com Santa Clara, absorveu os antigos armazéns. Novas opções, entretanto, surgiriam na área comercial, que continua a se expandir tornando a Pedreira "um promissor centro comercial", ainda no Caminho do Mar, que hoje se reativa com a restauração da estrada entre Guaratinguetá, Cunha e Paraty.

A memória dos velhos tempos permanece, às sextas-feiras e aos sábados debaixo do viaduto da Via Dutra, com o comércio de produtos da roça, com suas verduras, ovos, frangos, patos, queijos...

As chácaras: Em "Evolução da Estrutura Social de Guaratinguetá - num período de 300 anos", Lucille Hermann destaca as chácaras periféricas de Guaratinguetá como lugares com qualidade de vida, como acontecia na Pedreira. Dentre estas, merecem destaque: as chácaras do Benedito Marcondes (Marcondinho), a do Benedito Reis, a de Nhá Mariquinha Gama, a do Alfredo Ferraz da Silva, perto do Crispim Ferreira, a do moinho de Nhô Doro, todas com suas características, seus pomares, hortas, e vacas leiteiras. Na do Chico Abílio ficava também a "Cachoeira - pedreira", que deu o nome ao bairro.

Os quintais: Característicos das casas da Pedreira, os quintais com suas frutas eram uma forte atração para os moleques do bairro... Os quintais mais concorridos pela molecada, informa Roque de Castro, "menino da Pedreira", eram os dos senhores Marcondinho, José e Isaías Monteiro, seu Liboni, Augusto Lucchesi, David Grillo, Eduardo Miranda, Cel. Antônio Jacintho, Afonso Sansevero, de Nhá Sebastiana e Nhá Raquel - com bananeiras, uvas e jaboticabas e até içás...

As festas: A Pedreira ficou famosa por suas festas em louvor a Santa Cruz - antiga devoção de se erguer uma cruz no local onde faleceu alguém, à beira da estrada. A festa principal era na capelinha, hoje desaparecida, à esquina da rua Cel. Tamarindo com a rua do Gado, atual Santa Clara. Desta festa, rica de "comes e bebes", participava o povo da cidade. Havia outras, menores, em datas diferentes, mas muito animadas: na cruz que ficava ao lado do Velório, onde hoje se ergue o barracão do Pedreira Futebol Clube; na rua "De baixo ou do Sapé", hoje Prof. Anísio Novaes; na Cônego Benedito, com a presença até da Banda União Beneficente. Narra ainda Roque de Castro que, aos pés da cruz erguida em frente ao Rancho da Pedreira "aflorou uma mina, cuja água era remédio, segundo os moradores de então e lá de perto..."

Em 1955 foi registrado o primeiro terreiro de Umbanda de Guaratinguetá, na rua Cunha nº 85, sob a direção de Nina e Benedito Amaro, com festas para Cosme e Damião (Ibeji),

realizadas com grande fartura de doces, balas e refrigerantes, distribuídos para a criançada da Pedreira e redondezas...

As brincadeiras: Em "Brinquedos de minha rua", Roque de Castro registrou que a rua Cunha centralizava as brincadeiras das muitas crianças do bairro: jogo de peteca, passa anel, bate palmas, da corrida do carrapato, da perna de pau, da aposta de fôlego e Tarzan no ribeirão São Gonçalo, do pula cordas, do puxa-puxa. Havia também, a "pita do saci" - uma brincadeira "divertida para nós crianças, mas horrível para os inofensivos insetos... assim como "o susto do sapo" que tanto atemorizava as meninas". A partir das décadas de 1930 e 1940, com o calçamento da rua Cel. Tamarindo, aumento do trânsito de automóveis, o asfalto na estrada Paulo Virgínio, as novas construções, e os loteamentos das chácaras, diminuíram muito as principais características do antigo bairro. Entre elas, as brincadeiras na rua, as histórias dos tropeiros, as festas e as assombrações ao lado das Santas Cruzes, o jogo de Malha, na margem da estrada, as pipas e papagaios no céu, o jogo de pedrinhas na terra, o fincão...

Esportes: Em 1930 surgiu o Pedreira Futebol Clube, que marcou época na cidade, com muitas vitórias para a Pedreira. O campo ficava na várzea, entre a rua Cel. Tamarindo e o Ribeirão São Gonçalo. Sua sede, hoje, se ergue na Cel. Tamarindo. Outros times surgiram mas tiveram pouca duração, como o Aliança Futebol Clube e o Arco-Íris Futebol Clube, com quadros juvenis e infantis.

Blocos Carnavalescos: Dois blocos se destacaram no bairro entre os anos trinta e quarenta: "Os Bambas de Guará" - bloco infantil e o "Estrela do Sul", com sua "marcha oficial". Tiveram vida efêmera e nunca participaram de concursos.

Embaixada do Morro: Orgulho da Pedreira e uma das mais vitoriosas Escolas de Samba de Guaratinguetá, a Embaixada do Morro nasceu em 1944. Neste ano de 1999, mereceu mais um título - o quinto - de Campeã do Carnaval da cidade. Com o tema "A fé não costuma falhar", homenageou entre outras devoções, a Nossa Senhora Aparecida e Frei Galvão. Desfilou com 800 participantes, na Avenida Presidente Vargas, conquistando a vibração popular e oito Estandartes de Ouro.

A Literatura: Cantada em prosa e verso por seus admiradores, a Pedreira ficou eternizada nas recordações de Brito Broca em suas "Memórias". Ali estão a chácara de Nhô Doro, seus moradores e os passeios pelo bairro que ele considerava o "sítio encantado de minha infância". Entre as pesquisas de Roque de Castro, estão as descrições minuciosas do rancho de tropeiros, das festas, dos brinquedos e brincadeiras, a história e as poesias dedicadas ao bairro:

"Se na Pedreira nasci,
Na Pedreira hei de morrer.
Pois o filho da Pedreira,
Ama o chão que o viu nascer".

MARIA ISBELLA MAIA FABIANO

FONTES DE CONSULTA - Arquivo Memória de Guaratinguetá do Museu Frei Galvão. - Atas da Câmara Municipal de Guaratinguetá - 1896/1898. - Broca, Brito. Memórias. - Castro, Roque de. Pedreira. Trabalho premiado pelo Museu Frei Galvão, no concurso: "Um bairro de Guaratinguetá - ontem e hoje", em outubro de 1978. - Festas de Santa Cruz. Museu Frei Galvão - Monog. nº 109 - 1992. O Rancho da Pedreira. Museu Frei Galvão - Monog. nº 70 - 1986 e Brinquedos de minha rua. Museu Frei Galvão - Monog. Folclore nº 12 - 1988. - Depoimentos e entrevistas de: Getúlio Fortes Antunes, Giovanni Ferrucio Lucchesi, Maria Santa Miranda de Carvalho, José Miranda de Carvalho, Prof. Roque de Castro, Sr. Luiz Aquino de Godoy. - Hermann, Lucille. Evolução da Estrutura Social de Guaratinguetá num Período de Trezentos Anos. Rev. de Administração nº 5-6. USP. São Paulo. - Maia, Thereza e Tom. Memórias do Comércio de Guaratinguetá. 1995.